|  |  |
| --- | --- |
| **JULGAR - ILUMINAR INTRODUÇÃO** | **JULGAR - ILUMINAR INTRODUÇÃO** |
| 44. Não podemos nos limitar a ver, mas somos convidados, sobretudo, a 'sentir' na dimensão emocional e espiritual do encontro, que se traduz em indignação, empatia, compaixão e solidariedade. Assim, o 'sentir' já é um julgar, iluminar e discernir teológico e um consequente 'agir', que é imediatamente iluminado pela pessoa, pela Palavra, pelo projeto de Jesus, que nos acompanha no discernimento, no julgar (cf. Sl 119, 105) |  |
| 45. O discernimento diz respeito realmente a cada ser humano, em seu específico e é essencial a cada cristão para ver, conhecer, sentir, julgar e agir em conformidade com a Palavra. O discernimento é um dom entre os dons do Espírito Santo feitos ao aos que creem, mas no início, nunca se deve esquecer que o dom por excelência, a coisa boa entre as coisas boas (Lc 11,13), é o próprio Espírito Santo. |  |
| 46. Como fundamento bíblico para o julgar tomamos o hino cristológico do Apóstolo Paulo aos cristãos de Filipos conforme encontramos em Fl 2, 1-11. Este é um dos primeiros cânticos desde o início do cristianismo e, ele contém os elementos essenciais para o usarmos como base do julgar do método ver-julgar-agir. O hino de Paulo aborda os elementos principais e basilares da obra redentora de Jesus Cristo, especialmente no contexto de opressão das pessoas marginalizadas politica e socialmente pelo Império Romano e religiosamente pelo Templo judaico. O hino não apenas exalta a pessoa de Cristo, mas também serve como um chamado à imitação. Paulo utiliza essa passagem para incentivar os filipenses a praticarem a humildade e a unidade, refletindo o caráter de Cristo em suas vidas (Hb 12, 1-2). É uma mensagem de amor, serviço e sacrifício que ressoa até os dias de hoje. Esses elementos são indispensáveis para julgar a situação presente da população empobrecida e injustiçada na América Latina, especialmente no Brasil e em nossa Igreja Local. |  |
| **Esperar! Esperança! Esperançar!** | |
| 47. Esperar é viver como cristãos e o que dá sentido à espera cristã é a esperança que a torna eficaz e acelera a sua realização. Em tempos de incertezas e dúvidas nos perguntamos: o que podemos esperar para que a esperança não fique confinada a um sentimento de sobrevivência?! Cristo, nossa esperança, é nossa força e por isso esperamos, “novos céus e nova terra” (2Pd 3,13). Nossa esperança é a mesma esperança da criação, “que geme e sofre” enquanto espera! (Rm 8,20-22). Esse é o caminho da nossa fé: ESPERAR! É por isso que quando o autor da carta de Pedro, dirigindo-se aos cristãos em diáspora, os convida à missão, não com estratégias muito bem elaboradas: pede apenas que “estejam preparados para dar as razões da sua fé e de sua esperança” (1Pd 3,15). |  |
| 48. A esperança cristã deve ser plantada como uma semente, mas para isso devemos decidir ter esperança, assim como Abraão que teve fé “esperando contra toda a esperança” (Rm 4,18). Na Bíblia e no magistério da Igreja a esperança é a virtude dos pobres e dos peregrinos, por isso ela só pode ser vivida junto com os outros. Devemos ser capazes de esperar por todos sem nos escondermos na indiferença e no sonambulismo espiritual. Em seu belíssimo poema diz Charles Péguy: *“A caridade, diz Deus, isso não me espanta. Isso não é espantoso. Mas a esperança, diz Deus, eis o que me espanta. A mim mesmo. Isso é espantoso. Isso é espantoso e é mesmo a maior maravilha da nossa graça. E eu mesmo me espanto com isso. E é preciso que de fato minha graça seja de uma força incrível. E que ela escorra de uma fonte e como um rio inesgotável. O que me espanta, diz Deus, é a esperança. E fico pasmo. Essa pequena esperança que parece uma coisa de nada. A crença de que eu gosto mais, diz Deus, é a esperança. Essa pequena esperança”*. |  |
| 49. Deus não se surpreende tanto com a fé dos seres humanos, e muito menos com a sua caridade; mas o que realmente enche o coração de Deus de admiração e comoção é a esperança d0as pessoas: “Essas crianças pobres – ele escreve – que diante do presente acreditam que amanhã será melhor”. Sem esse germinar..., diz o próprio Deus na obra de **Péguy**, "sem esse único e pequeno broto de esperança, que obviamente qualquer pessoa pode quebrar... toda a minha criação não seria mais que madeira morta (...). Quando se vê tanta grosseria, a pequena gema terna não parece nada... E, no entanto, é dali que tudo procede". Esperar! Esperança! Esperançar! |  |
| **1. CHAMADOS AO EXERCÍCIO DA ESPERANÇA** | |
| 50. O contexto eclesial em que fomos chamados por Deus para servir como cristãos comprometidos com a causa do Reino, revela-nos um distanciamento cada vez maior entre a causa do Reino propriamente dita e o contexto de grandes desigualdades no seio da Igreja. A confirmação desta realidade pode ser percebida no apoio institucional (Estudos CNBB 104, 35; 139) e incondicional que temos dado aos movimentos e o reforço do sistema paroquial tradicional (DAp 176). Todos sabemos que o sistema paroquial tradicional da Igreja Católica afeta diretamente a forma como os fiéis vivem a sua religião. Por sua vez esta crise é agravada pelo pluralismo cultural e religioso, pela nova racionalidade, pobreza e exclusão, subjetividade e pela autonomia dos sujeitos. Neste cenário tudo fica atrelado a um rígido sistema teológico e organizacional, o que dificulta o reconhecimento da igual dignidade dos fiéis. |  |
| 51. Percebe-se assim que somos herdeiros de uma eclesiologia e prática pastoral que privilegia cada vez mais os já “incluídos” com pouca ênfase na misericórdia (Mt 18,10-14; Lc.15,11-32; Lc.10,25-37). *“A arquitrave que suporta a . vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo”* (MV 10). Nossa história é marcada por uma evangelização deficiente e uma catequese teórica e doutrinária (EG 163; 164), com ênfase nos conteúdos fundamentais da fé em detrimento da fé enquanto adesão incondicional a Deus expresso na busca sempre maior de conformar nossa vida a sua vontade. |  |
| 52. Neste novo contexto de crise da modernidade, um primeiro desafio para a Igreja na atualidade é a volta da mentalidade de neocristandade e o ressurgimento de novos fundamentalismos e tradicionalismos. A pastoral de neocristandade voltou com força, com ares de “revanche de Deus”, com muito dinheiro e poder, triunfalismo e visibilidade midiática, bem como o modo de se presentar em sua prática pastoral. colocando -se como os unicos guardiões da ortodoxia, da moral católica, da Sagrada Tradição. Constitui-se, hoje, na mais acabada expressão de um modelo de evangelização ultrapassado, mas que se apresenta como “nova evangelização”, a única capaz de manter vivos os ideais evangélicos em um mundo secularizado. Um segundo desafio, não menos complexo, é a emergência de uma religiosidade eclética e difusa, providencialista e milagreira, uma mescla das práticas devocionais pré-tridentinas, com uma espiritualidade emocionalista, mercadológica e midiática. Em tempos pós-modernos, também a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo (cf.EG 93 e 97). |  |
| 53. Nossas práticas pastorais (DGAE 2015-2019, 87) tem feições pouco eclesiais, com acento no individualismo (EG 63; 67; 78; 89; 99) e no imediatismo (Estudos CNBB 104, 122). Ignora-se quase que por completo que a comunidade é um dos aspectos essenciais da vida da Igreja. Muitas vezes a comunidade de fé tem-se tornado um verdadeiro “mercado espiritual” onde as pessoas buscam suprir suas necessidades e carências pessoais. Temos a figura do “consumidor religioso” para os quais a fé é oferecida e exposta no “mercado espiritual”. É nesse contexto que os sacramentais tornam-se mais importante que os sacramentos. Em outras palavras, somos um povo muito católico, porém pouco cristão (Estudos CNBB 104, 317-318). Nosso catolicismo é mais cultural, fruto de conveniências sociais e de tradições, que em nossa Diocese sempre legitimaram uma relação de dominação-submissão-dependência, típica do coronelismo1. |  |
| 54. Segundo o Papa Francisco *“A esperança é este viver em tensão, sempre; saber que não podemos fazer o ninho aqui: a vida do cristão é “em tensão por” (Vaticam News* 29 de out de 2019) ***.*** Se um cristão perde esta perspectiva, a sua vida se torna estática e as coisas que não se movem, se corrompem. Pensemos na água: quando a água está parada, não corre, não se move, se corrompe. Um cristão que não é capaz de ser propenso, de estar em tensão pela outra margem, falta alguma coisa: acabará corrompido. Para ele, a vida cristã será uma doutrina filosófica, viverá assim, dirá que é fé, mas sem esperança”. O texto de Is 54.7-10 provoca esperança. Mostra a fidelidade de Deus ao seu povo. Deus não esqueceu dos seus servos. Para tanto, podemos aprender um pouco do jeito de Isaías em articular esta esperança. O seu jeito foi de recorrer à história do próprio povo, fazendo perceber que Deus age no decorrer desta. A lembrança do agir de Deus cria a esperança e a certeza de que Deus é por excelência Senhor e libertador no presente e no futuro. |  |
| **2. UM CAMINHO QUE QUEREMOS SEGUIR** | |
| 55. Sair do traçado é o que o Papa Francisco nos propõe. Sair do traçado da cristandade. Sair do traçado do clericalismo. Sair do traçado dos critérios apostólicos. Sair do traçado da instituição. Sair do traçado do legalismo. Sair do traçado do devocionismo. A degradação da “devoção” é o que se denomina de “devocionismo”, quando deixando de lado os elementos constitutivos essenciais da verdadeira “devoção”, acentua-se apenas os seus aspectos secundários, desvirtuando-a de sua finalidade. Sair do traçado de uma igreja voltada para si mesma. Sair do traçado e abrir picada, abrir caminho novo. Sair do traçado e deixar-se guiar pela força da Palavra, pela força do Espírito, pela força dos acontecimentos. Sair do traçado e, com o anúncio e testemunho do evangelho, provocar experiências humanas e comunitárias inéditas para o nosso tempo. Esse traçado passa por um novo olhar onde a cidade é o lugar social de onde o novo deve brotar. Indica aqueles que devem ser cidadãos do Reino e protagonistas do processo. Urge, pois, nos lembra o Papa Francisco, testemunhar o evangelho na cidade, onde vive-se o paradoxo de gerar a solidão no meio da multidão e não encontrar nenhum gesto de cordialidade, acolhida, solidariedade e relação pessoal. Emerge, pois, a necessidade de se resgatar a eclesiologia do Concílio Vaticano II: |  |
| **a) Igreja Povo de Deus:** A Igreja viva, aquela que celebra, que revela sua presença na sociedade, é um ambiente de diversidade e de grande desenvolvimento humano, espiritual e social. O capítulo II da Constituição Dogmática Lumen Gentium apresenta a Igreja como “Povo de Deus” e reafirma a comum dignidade dos batizados. Busca ultrapassar o modelo piramidal, sustentado pela estrutura do poder e da hierarquia. A Lumen Gentium n. 13 nos apresenta a extensão desse povo: “Ao novo Povo de Deus todos os homens [e mulheres] são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos (cfr. Jo. 11,52). Foi para isto que Deus enviou o Seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (cfr. Hebr. 1,2), para ser mestre, rei e sacerdote universal, cabeça do novo e universal Povo dos filhos de Deus”. |  |
| 1. **Igreja dos Pobres e para os Pobres:** Este desejo de uma Igreja pobre e para os pobres foi proclamado pela III Conferência dos Bispos Católicos da América Latina como uma opção preferencial da Igreja: a opção pelos pobres. Alguns destes bispos, como dom Hélder Câmara, tinham participado do pacto das Catacumbas, no mês de novembro de 1965, poucas semanas antes do final do Concílio. Ali, haviam se comprometido a viver pobremente e a defender a causa dos pobres. Foi um compromisso motivado pelo fato do Concílio Vaticano II não ter conseguido colocar em prática, de forma radical em seus documentos, a proclamação de João XXIII de que a Igreja deveria ser, “sobretudo, a Igreja dos Pobres”. Em Puebla, foi dado fundamento bíblico-teológico para esta afirmação: “Por estar ensombrecida e ainda escarnecida a imagem de Deus e sua filiação nos pobres, Deus toma sua defesa e os ama” (Puebla, 1142). |  |
| 1. **Os Grupos de Família\CEBs:** Aprendemos, sobretudo nos últimos anos de caminhada junto às Comunidades, aos Grupos de Família, às Escolas de Teologia, aos estudos bíblicos que, seguindo os passos de Jesus, duas palavras são importantes na evangelização. A primeira é a Palavra falada, que é a vida da gente: nossas tristezas e alegrias, nossa fé, nossos sonhos e lutas. A segunda é a Palavra escrita no livro da Bíblia. A nossa Vida é iluminada pela Bíblia, e a Bíblia é lida e iluminada através da nossa Vida pessoal e comunitária. Tanto na Vida quanto na Bíblia, descobrimos a importância das Comunidades Eclesiais de Base, CEBs. Lendo e refletindo o Evangelho de Lucas 24,13-35 (Discipulos de Emaús), descobrimos que as CEBs nos mostram como fazer o caminho do respeito e do diálogo com o diferente, da fraternidade e de uma cidadania evangélica. Nas CEBs as pessoas empobrecidas são protagonistas, e juntas vencem o medo, a submissão, a resignação, a dominação **(DAEDL 43).** Nesse jeito de ser Igreja das CEBs, todos os ministérios ou serviços são iguais e tem o mesmo valor. Todas as decisões são tomadas em espírito de sinodalidade, na comunhão eclesial de irmãos e irmãs com as luzes do Espírito Santo que (diga-se de passagem) não é propriedade das chamadas “autoridades eclesiásticas”. Neste sentido o texto de Is 54 aponta para duas questões básicas em relação as CEBs: a situação vivencial do exílio, donde vem a experiência de ser esquecido por Deus e de outro lado, este sentimento de abandono que é superado pela constatação da ação de Deus na história do povo oprimido pelas forças opressoras. |  |
| 1. **Por uma Igreja Sinodal:** fala-se muito em “Sínodo”. Mesmo assim, a “sinodalidade” (o “caminhar juntos”), na melhor das hipóteses, chega até à prática da escuta atenciosa e respeitosa do povo, mas não chega até à tomada das decisões finais, que continuam sendo uma prerrogativa da “hierarquia”. Ora, para que haja verdadeira comunhão eclesial (uma eclesiologia de comunhão) deve haver a prática da sinodalidade plena de todos e de todas não só nas reflexões e discussões, mas também nas decisões. |  |
| **3. ALARGA O ESPAÇO DA TUA TENDA** | |
| *“Alargar as Tendas foi a insistência da profecia de Isaias durante um momento de crise vivido pelo povo exilado. A imagem poética e profética do corpo das mulheres inspirou essa mensagem. Corpo que se alarga para gerar o movimento criador da vida e da profecia. Alargar, estender, esticar são verbos que traduzem o movimento de expansão que o grupo de Isaías apontava como caminho para que o novo pudesse acontecer na vida do povo , enquanto outros grupos apontavam para o fechamento ou encurtamento das tendas” (Odja Barros)* |  |
| 56. Evangelizar significa anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus e da justiça às pessoas empobrecidas. Este foi o eixo da missão de Jesus de Nazaré (Lc 4,16-21). É o tempo da redistribuição das riquezas e da terra, tempo de partilha. É tempo de saúde e de alegria, portanto, tempo de libertação. Portanto, segundo Is 54, a força motivadora para o povo nascerá dos acontecimentos históricos nos quais Deus agiu por excelência. A ação de Deus no passado reacenderá a chama da fé no presente, de que Deus está com o povo e deseja a sua libertação. Evangelizar significa anunciar a Boa Notícia do Reino e da Justiça, para que se torne Boa Realidade, o que implica também denunciar todas as forças de opressão que esmagam a vida do povo (Mc 16:15-16 e Mt 28:19-20). Ninguém percebe toda a realidade sozinho. Precisamos sempre da ajuda de outra pessoa. Deus também não existe e não age sozinho. Deus é Trindade e age sempre em comunhão (Pai, Filho e Espírito Santo). A melhor comunidade de amor se encarnou para viver conosco em Jesus de Nazaré. Não podemos evangelizar, anunciar a Boa Notícia do Reino da Justiça se não nos deixarmos evangelizar, se não tivermos coragem de viver em comunidade e de precisarmos uns dos outros e das outras. É deste jeito que podemos enxergar melhor os sinais do Reino de Deus presentes na realidade. Nesta perspectiva Deus é o companheiro de diálogo com o seu povo. Este relacionamento acontece num clima de amor, de ternura para com os exilados (49.15). Deus é a mãe do povo (46.3), e sposo (54.5). |  |
| 57. Somos chamadas e chamados a enxergar a Boa Realidade com esperança e alegria. Com Jesus de Nazaré, a Boa Notícia tornou-se Boa Realidade. O Reino de Deus já está entre nós: “Hoje se cumpriu esta palavra que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4,21). Evangelizar-nos é participar dos Grupos de Família – caminho das Comunidades Eclesiais de Base, dos Movimentos e Organizações populares que defendem a vida e promovem os valores do Reino. Evangelizar-nos e evangelizar é celebrar a presença de Jesus Cristo morto e ressuscitado entre nós. É celebrar a caminhada feita de lutas, tristezas e alegrias, à luz da fé. Evangelizar-nos é reconhecer a Boa Realidade do Reino, fonte de memória, resistência, profecia, compromisso e sonho. Isto fica claro em Is 54, que é um convite à alegria. Deus que abandonara o seu povo está pronto para o regresso, onde a vida novamente será abundante. A esterilidade se transformará em fecundidade. As cinzas formarão brasas novamente em chamas. |  |
| 58. A nossa vocação é responder ao desejo de Jesus e à inquietude pela causa do Reino que ele teve. É per-seguir o seu caminho com as pessoas empobrecidas e excluídas pelos sistemas econômicos poderosos (Mt 8,18-22). É pro-seguir sua obra de construção comunitária da vida, a partir das pessoas excluídas, enfrentando os conflitos, pois, se existem excluídos, é porque existem forças opressoras que promovem a exclusão social, econômica, cultural e religiosa (Lc 4,14-30). É conseguir o seu Reino. O Reino de quem se fez solidário com as pessoas famintas de todos os tempos e nações (Mt 25,31-46), pois Deus intervém, age, faz aliança e liberta. Is.54 mostra a fidelidade de Deus ao seu povo através da sua história. Este agir de Deus no passado alimentará as esperanças no presente e iluminará a construção do projeto que objetiva a libertação do exílio e da nova Jerusalém. Deus terá a mesma fidelidade com os exilados que tivera com Noé. Faz o mesmo juramento, de que não mais se iraria, repreenderia o povo. Deus parece que chega a se humilhar de arrependimento frente ao seu povo, demonstrando que Deus não está alheio à sua história. A análise da ação de Deus no passado faz renascer a esperança e a certeza da ação libertadora de Deus no presente. |  |
| **4. Estende a sua lona... (Uma Igreja Madalena)** | |
| 59. A Igreja, sempre mais, é chamada a ser samaritana, sensível às realidades que gritam por socorro e justiça e, por isso, é preciso que cresçamos na caridade fraternal, a fim de que estendamos a “lona” sobre todas as pessoas, mesmo aquelas que são diferentes de nós para que construamos uma Tenda acolhedora, sensível e terna. Nesta dinâmica eclesial, faz-se importante considerar a apostolicidade de Maria Madalena, cuja vida demonstrara grande seguimento de Jesus Cristo, bem como, a feliz disponibilidade ao anunciar a Boa Nova da Ressureição. Segundo Santo Agostinho, “Maria Madalena foi a primeira a ver a Ressureição, e isto não foi sem razão. Porque ela havia permanecido fiel junto ao túmulo, ela, que tinha amado tanto a Cristo quando Ele estava vivo, e que não se afastou após Sua morte”. (Sermão 229 N). |  |
| 60. Pressupondo tamanho exemplo, o Papa Francisco, em 2016, instituiu a celebração de Santa Maria Madalena como festa e não apenas memória, como era, no Calendário Litúrgico. Conforme o Decreto: “Na nossa época, dado que a Igreja é chamada a refletir de forma mais profunda sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização e a grandeza do mistério da misericórdia divina, pareceu oportuno também que o exemplo de Santa Maria Madalena fosse mais convenientemente proposto aos fiéis. Com efeito, esta mulher, conhecida como aquela que amou Cristo e foi também muito amada por Cristo, chamada por São Gregório Magno ‘testemunha da misericórdia divina’ e por São Tomás de Aquino ‘apóstola dos apóstolos’, hoje pode ser vista pelos fiéis como paradigma da missão das mulheres na Igreja”. |  |
| 61. Olhando para Maria Madalena, a “testemunha da misericórdia divina”, a Igreja é chamada a contemplar tantas mulheres em nossas Comunidades, que são grandes testemunhas da mesma misericórdia divina. Sabedores de que a maioria das pessoas que integram nossas comunidades eclesiais são mulheres, é mais do que necessário o reconhecimento sobre tamanho testemunho e vocação. |  |
| 62. Assim como a Virgem Maria seguiu Jesus como discípula, Maria Madalena, a “apóstola dos apóstolos”, através da sua missionariedade, fez de sua vida uma constante doação ao Senhor, bem como, por meio dela, um constante anúncio da Boa Nova. Saibamos, sempre mais, reconhecer a disponibilidade de belíssimos apostolados através de tantos serviços e ministérios que tem as mulheres vivenciado em nossas Comunidades, a exemplo dessas duas grandes Santas mulheres. |  |
| 63. Segundo Santo Tomás de Aquino, “Maria Madalena buscava com grande desejo e, portanto, mereceu ser a primeira a ver o Cristo ressuscitado. Pois quem mais ama, é mais privilegiado. [...] Ela, permaneceu buscando, e enquanto buscava, aconteceu que o encontrou; assim, o desejo santo cresce com a busca e, ao crescer, encontra o objeto de sua busca”. (Tomás de Aquino. Comentário ao Evangelho de João. São Paulo: 2012, cap. 20, lectio 3). De fato, seu exemplo inspira todas as mulheres a continuarem buscando o Senhor e, encontrando-o, anunciá-lo sempre mais. Eis o exemplo de Maria Madalena às mulheres de nossos tempos, bem como, a toda Igreja que é exortada a olhar para esta santa mulher, seguidora do Senhor, que foi capaz de abdicar de si mesma, e dispor-se inteiramente à missão de testemunhar a libertação e a vida verdadeira. |  |
| 64. Outro belíssimo exemplo em nossa realidade diocesana que expressa o testemunho e a apostolicidade feminina é a Vida Religiosa Feminina. Várias Congregações Religiosas que, a exemplo da Virgem Maria, bem como, de Maria Madalena e, seguindo seus carismas próprios, exprimem o bom odor da alegria evangélica, salvaguardando, também, a dinamicidade pastoral em nossas comunidades. Neste sentido, a Igreja, sendo reflexo de Maria, carrega em si mesma os traços da sensibilidade maternal e da ternura, da acolhida e amor indistinto à vida (2 Coríntios 2,15) |  |
| 65. Por isso, sempre mais, deve a Igreja estender a sua “lona” abrindo epaaços a todas as realidades, a fim de ressignificá-las, pela graça de Cristo, cobrindo-as com esse mesmo amor com que nos amou o Senhor na Cruz. Nossa realidade Diocesana possui uma bonita simbologia que corrobora com a dinamicidade bíblica da lona: a colcha de retalhos, utilizada nos grupos de família, em celebrações e, sobretudo, nas Festas das Tendas, paroquiais e diocesanas. |  |
| 66. É preciso, sempre mais, resgatar tal simbologia, pressupondo a construção da colcha de retalhos. Cada retalho, em meio à sua especificidade, representa uma pessoa que não vive isolada, mas é chamada, pelo Senhor, a estabelecer relações de fraternidade. A linha, portanto, que costura e une todos os retalhos é a força do Espírito Divino. “São muitos dons, mas um só Espírito” (1 Coríntios 12,4). Todos, em meio aos seus dons, são convocados à unidade expressa na imagem da colcha que, enquanto símbolo da Comunidade Cristã, possui a incumbência de abrigar, a exemplo de Cristo, todos aqueles que buscam cuidado. “Quantas vezes eu quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus filhotes debaixo das asas” (cf. Mateus 23,37). Refletindo sobre tal metáfora, nos diz Santo Agostinho: “Esta imagem manifesta o seu profundo amor e o seu cuidado maternal, algo que podemos ver na Igreja, que continua a chamar os seus filhos dispersos ao calor da fé”. (Santo Agostinho, Sermão 11, 4: Sobre as Escrituras. In: Migne, Jacques-Paul. Curso completo de patrologia: série latina, v 38. Paris, 1841”. |  |
| 67. Portanto, a Igreja, assemelhando-se também a Maria Madalena, na missão do constante anúncio da Vida, é exortada ao cuidado maternal e sensível, enquanto mãe que acalenta. Segundo Santo Agostinho, “a Igreja é a nossa mãe verdadeira, porque nos gerou em Cristo e nos alimenta com o leite de sua doutrina”. (Comentário sobre os Salmos, Salmo 88, sermão 2, parágrafo 14). Ela deve, portanto, “estender sua lona”, sua colcha de retalhos, a fim de que mais e mais pessoas sintam-se acolhidas e abrigadas, na capacidade da vivência do bem comum, partilhando da mesma fé e pisando no mesmo chão; partilhando, portanto, o mesmo espaço, sobretudo, na certeza de que nele o Senhor está. Segundo o Papa Francisco, “A Igreja, como mãe, nos dá a fé, nos gera no Cristo e nos ajuda a viver como filhos de Deus. Toda mãe se preocupa em dar de comer aos seus filhos e educá-los na vida”. (Discurso na Praça de São Pedro, 3 de setembro de 2014). |  |
| **5. “FINCA BEM AS ESTACAS”: Uma Igreja Tenda da Fé** | |
| 68. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, no espírito do Movimento Litúrgico que fomentou-se na Igreja até o Vaticano II, diz que a Liturgia é a **fonte** e o **ápice** de toda a vida cristã; ou seja, na liturgia, “(...) corre sobre nós, como de sua fonte, a graça” (SC 9). O apelo do Concílio é um *retorno às fontes*, também litúrgicas, para que “o coração acompanhe a voz” (SC 11), numa liturgia mais *vivencial* que *ritualista*, onde todo o povo sacerdotal participa, cada qual segundo sua vocação. O Papa Francisco, na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, alerta para o perigo do rubricismo e da “criatividade selvagem” que identificamos em muitas realidades: “A *ars celebrandi* [arte de celebrar] não se pode reduzir à mera observância de um aparato de rubricas, e ainda menos pode ser pensada como uma fantasiosa – por vezes selvagem – criatividade sem regras” (DD 48). Nossas práticas pastorais e litúrgicas, muitas vezes, têm feições pouco eclesiais, com acento no individualismo (EG 63,67,78,89,99) e no imediatismo (Estudos CNBB 104, n. 122). |  |
| 69. Na caminhada pastoral diocesana, entende-se que um “jeito sinidal” de ser Igreja, a partir da realidade em que vivemos, implica também em um novo jeito de celebrar. Isto porque na celebração, se faz a experiência do Mistério Pascal de Cristo, em relação à vida humana, que é também importante e sagrada Palavra de Deus. Neste sentido, na escuta e partilha da Palavra de Deus, na participação da Ceia do Senhor, na celebração dos Sacramentos, nos Grupos de Família e em toda oração pessoal e comunitária, mergulhamos na comunhão da Trindade Santa e antecipamos a alegria do Reino, ao mesmo tempo dom e conquista: “A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar" (EG 24). |  |
| 70. Celebrar é sempre ação comunitária e ato segundo de nossa fé: *a fé que se reza é a fé que se crê*. O Papa Francisco fala que a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulas e discípulos missionários, que fazendo a experiência de Jesus Cristo Ressuscitado é impulsionada a “sair em missão” procurando os afastados, convidando os excluídos e oferecendo a todos a misericórdia. A comunidade cristã, sentindo-se envolvida, abaixa- se, põe-se de joelhos e assume a vida humana, tocando assim a carne sofredora de Cristo no povo. Acompanhando com perseverança a humanidade, ela se torna fecunda pelos frutos, mesmo em meio ao joio semeado junto com o trigo. Cada pequena vitória é motivo de celebrar e festejar (cf. EG 24; DAEDL 125). Esta é a *fé que se vive*. Os dois  âmbitos estão profundamente relacionados: o atode acreditar e a vida cristã como expressão do seguimento de Jesus. |  |
| 81. A Comunidade se reúne no Domingo, Dia do Senhor (cf. At 20, 7), ou em outra data significativa, para celebrar a Vida e a fé, louvando e agradecendo a Deus. A 5 Conferência de Aparecida reconhece “com profundo afeto pastoral” as “milhares de comunidades com seus milhões de membros que não tem a oportunidade de participar da Eucaristia dominical”. Estas comunidades, presentes também em nossa diocese, podem e devem “viver segundo o domingo”, alimentando “seu já admirável espírito missionário participando da celebração dominical da Palavra, que faz presente o Mistério Pascal no amor que congrega, na Palavra acolhida e na oração comunitária” (DAp, 253). Os Sacramentos, manifestação visível da graça de Deus, são também uma oportunidade privilegiada de evangelização e de fortalecimento do discipulado. Muitas pessoas, em particular as que se afastaram da comunhão com a Igreja, aproximam-se para a celebração dos Sacramentos. Este pode ser o momento para acolher e testemunhar uma Igreja que seja, na verdade, “morada de povos irmãos e casa dos pobres” (cf. DAp 8). São muitos os cristãos católicos que não participam na Eucaristia dominical. Por isso, é fundamental uma liturgia mais *vivencial*, e não *devocionista*. |  |
| 72. É a Diocese, por meio das paróquias, a grande responsável por animar a vida litúrgica e pastoral, relacionando as duas de forma constante. A ação de Jesus teve continuidade no testemunho das primeiras comunidades, que “eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações” (At. 1,11- 14). Na eclesiologia do Vaticano II, a Paróquia é entendida como uma Rede de Comunidades a caminho das CEBs, Comunidade de Comunidades. A renovação paroquial, para conformar-se à Eclesiologia do Concílio Vaticano II, muitas vezes é interpretada de forma legalista, instrumentalizando o Código de Direito Canônico e as prescrições do Catecismo da Igreja Universal. Assim, muitas vezes, afasta-se o sentido místico do termo “paroikia”, que significa algo como “casa ao lado”, “morada próxima”, “morar perto”. Agora, a palavra Paróquia tem relação com o termo “paroikos”, que quer dizer “forasteiro”, “estrangeiro”, “peregrino em outra terra”, assim como descrevem os Atos dos Apóstolos (cf. At 7,6). A paróquia deve ser a figura eclesial da “Tenda”, marcada pela provisoriedade, mas ao mesmo tempo um espaço de hospitalidade e acolhida, como “hospital de campanha”. A paróquia é meuito mais que um território, mas espaço uma espaço de pertença e afeto. |  |
| 1. **Esticar as Cordas...**     1. **Uma Igreja itinerante:**   **Missionária, do Diálogo e Sociotransformadora MISSIONÁRIA** | |
| 73. As Diretrizes da Igreja no Brasil (2021-2023) propuseram um retorno às fontes para olhar a experiência das comunidades primitivas e inspirados por elas formar, no hoje da história e na realidade, comunidades eclesiais missionárias. O objetivo é construir uma Igreja que tenha jeito de CASA, não como algo estático de paredes simplesmente, mas como espaço que evoque a ideia de acolhida, ternura e misericórdia. A casa é onde as pessoas são conhecidas pelo nome, pelo jeito, onde cada um têm sua história. A realidade e a “cultura” urbana, fragmentada, com suas luzes e sombras, mas também com suas potencialidades, é muito mais do que um lugar social geográfico, mas como um espaço de vivências onde a Igreja é convidada a ser presença. A história, escrita no cotidiano da vida, é o espaço onde Jesus arma sua Tenda e convida os discípulos-missionários ao serviço à Vida plena para todos. |  |
| 74. Segundo o Papa Francisco “A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. [...] Uma comunidade missionária que experimenta o Senhor e sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG 24). É um convite especial à passagem de uma Igreja autorreferencial, centrada em si mesma, a uma Igreja aberta à alteridade, porque “quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9). |  |
| 75. O conceito de "Igreja em saída", proposto pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, reflete seu desejo de uma Igreja missionária e inclusiva, que busca evangelizar de forma prática e próxima às pessoas, especialmente as mais empobrecidas e marginalizadas. Faz-se necessária uma transformação que permita a todos a vivência da fé, enfatizando que a verdadeira missão não é apenas a difusão de doutrinas, mas o testemunho do amor de Cristo. “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (Papa Francisco) |  |
| 76. Uma Igreja em saída que em vez de se fechar, se abre para acolher e integrar, seguindo o exemplo de Jesus. Ele quer uma renovação que resgate a essência da mensagem evangélica e promova um novo modelo eclesial, desafiando os fiéis a participarem ativamente e a não se acomodarem em práticas obsoletas. Contudo, a Igreja ainda precisa trilhar um caminho conjunto de vivência e reconhecimento do sacerdócio comum dos fiéis recebido no batismo, para valorizar o papel do laicato na Igreja, confiando a eles missão de serem protagonistas na missão evangelizadora. |  |
| 77. A Igreja missionária que a Diocese de Lages vislumbra, pode ser entendida a partir dos Grupos de família, espaço de participação essencialmente laical, pois se afirma que a primeira terra de missão é a família reunida em Grupo de Família. Ali se encontram pessoas de várias faixas etárias e de diversas etnias e condições sociais. Ali estão representados as diversidades e pluralidades que enriquecem a Igreja e sua missão nas comunidades e paróquias, não só no sentido de presença, mas de participação-partilha ativa. A Igreja precisa testemunhar e anunciar o Evangelho de modo que o mesmo faça a diferença na vida das pessoas, das culturas e religiões, nas estruturas e na sociedade como um todo. Para que isso seja possível é necessária uma Igreja capaz de se reformar, de discernir os sinais dos tempos à luz do Espírito Santo, em constante processo de conversão para ser mediação da eternidade na história |  |
| 78. A renovação eclesial proposta por Francisco deve acontecer em perspectiva missionária, tornando sempre mais a missão a sua razão de ser. A Igreja precisa de “um processo de reforma missionária ainda a ser cumprido” (LS 3). É visível que essa proposta também tem uma dimensão ecumênica, pois o ecumenismo se expressa de um modo privilegiado pela missão. A Igreja católica não é uma realidade isolada do cristianismo mundial, de modo que o que nela ocorre tem algum tipo de repercussão no conjunto das igrejas, e vice- versa. A proposta missionária da Igreja em saída é uma forma de favorecer o desejo de Cristo: “Que todos sejam um” (Jo 17,21). A missão da Igreja tem como finalidade favorecer a unidade dos fiéis em Cristo (EG 244), sendo assim, a missão da Igreja tem uma vinculação direta com o movimento ecumênico. |  |
| 79. Para colocar em prática sua vocação à unidade e à comunhão, a Igreja necessita ser “casa de todos” testemunhando sua natureza trinitária de comunhão, encontro, unidade e serviço. Essa perspectiva evoca um verdadeiro sentido de fraternidade aberta, que permite a cada pessoa ser reconhecida, valorizada e amada para além da sua presença física, do lugar onde vive ou por seu modo de crer. A medida do nosso amor a Deus passa necessariamente pela capacidade que temos de acolher nossos irmãos e irmãs, vivendo a fraternidade nas diferenças. Não podemos amar a Deus sem amar também nossos irmãos (1 Jo 4,20). Segundo o Papa Francisco, a fraternidade “desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos próximos a quem quer que seja” (FT n. 81). |  |
| 80. O Concílio Ecumenico Vaticano II, certamente o mais ecumênico de todos os concílios, colocou a Igreja em diálogo com o mundo, questionando-a sobre suas verdades seguras e obrigando-a a reposicionar-se diante das novas realidades. A Igreja que aos poucos, através do Concílio, foi rompendo com o modelo de cristandade deu uma guinada em direção a uma importante revisão não só das relações com as religiões, mas também com sua própria visão de Igreja e de teologia. Com isso, foi dado um grande passo, tanto teológico quanto pastoral, em direção a um olhar positivo sobre as religiões, reconhecendo que elas contêm “sementes do Verbo” (AG 11b). |  |
| 81. Quanto ao diálogo inter-religioso, é primordial estabelecer com as outras religiões uma relação de respeito e diálogo fraterno. Segundo o Papa Francisco, as várias religiões, oferecem uma preciosa contribuição para a construção da fraternidade e a defesa da justiça na sociedade. Assim, o diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância (FT n. 271). Por meio do diálogo e da colaboração com as outras religiões, a Igreja favorece e participa efetivamente do processo de crescimento e realização de uma nova sociedade, de igualdade, fraternidade, justiça e paz. Mais que discussão de doutrinas, o diálogo interreligioso favorece uma aproximação frutuosa para vivência do Evangelho no contexto de pluralidade e diversidade das culturas e crenças no mundo atual. |  |
| 82. O ecumenismo e o diálogo interreligioso são tarefas fundamentais de um autêntico testemunho de vida cristã e expressões concretas de uma Igreja que acolhe, respeita e valoriza a pluralidade das Igrejas e religiões. A vocação histórica da Igreja não é o crescimento quantitativo dos cristãos, mas, em diálogo com todos os homens e mulheres de boa vontade, o testemunho em favor do Reino de Deus. A Igreja, enquanto instituição, está muito mais voltada ao anúncio que ao diálogo, contudo, ela deve estar aberta a um diálogo sério e franco com a modernidade, as Igrejas e religiões. |  |
| **6.3. SÓCIO TRANSFORMADORA** | |
| 83. A dimensão sócio transformadora da ação pastoral diocesana, fundamenta-se e ilumina-se na opcção preferencial pelos pobres... Na perspectiva da ação pastoral diocesana, a dimensão sóciotransformadora é de fundamental importância. Historicamente, os planos de pastoral e a própria ação evangelizadora revelam uma Igreja que faz uma consciente opção evangélica de acolhida, profetismo e testemunho em favor dos empobrecidos. O objetivo da ação evangelizadora diocesana exorta todos a participarem na “construção de uma Igreja e de uma Sociedade sem exclusões, justas, fraternas e solidárias, sinais do Reino Definitivo. Isso significa que a ação evangelizadora tem como horizonte de concretude resgatar os valores da partilha, da comunhão, da solidariedade, do respeito à vida humana e toda obra da criação. |  |
| 84. Nos últimos tempos, sofremos com o aumento dos problemas sociais que aceleram o processo de empobrecimento, exclusão e desigualdade social. Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, da indiferença e por um modo de viver absurdamente individualista em todas as suas expressões. O Papa Francisco nos propõe deixar-nos contagiar pela cultura do encontro e “caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, nos dando conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância”. |  |
| 85. É importante salientar que “todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver- se integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental” (FT 106-107). Acolhendo um caminho Sinodal é preciso discernir aquelas “teologias da prosperidade e do domínio ou fundamentalistas” que, afastando-se do ideal pregado e testemunhado por Jesus, oferecem certas facilidades de acesso a bens, curas, milagres, etc. Elas ameaçam de alguma forma a fidelidade, a perseverança do povo e o compromisso com o projeto de Deus. A sociedade atual está perdendo os valores da solidariedade, da partilha e da comunhão, da amizade e do respeito para com a pessoa humana e toda a obra da criação. A dignidade da Vida, em todas as suas manifestações, está sucumbindo ao desejo do lucro, aos apelos do consumismo e à ganância desenfreada. |  |
| 86. A globalização, sustentada pelo sistema neoliberal, por um lado, concentra riquezas e bens nas mãos de poucas pessoas e empresas; por outro lado, traz a fome e a miséria, o desemprego e o subemprego, o êxodo rural, a violência, as drogas e a alienação. “Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ele a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente 'explorados', mas 'supérfluos' e 'descartáveis” (DAp, 65). |  |
| 87. Para que se concretize a presença transformadora da Igreja na Sociedade, a Igreja no Brasil, em sintonia com o Papa Francisco, propõe como fundamental a vivência de uma fé que seja testemunhada pelo serviço evangélico aos pobres e pela justiça social. Nesse sentido, a ação eclesial é a extensão ou continuação da ação de Cristo que optou preferencialmente pelos mais pobres e excluídos da sociedade. O imperativo da encarnação na realidade exige proximidade, diálogo, encontro e compromisso, de forma especial com os pobres. O Papa Francisco afirma que Jesus quer que toquemos a carne humana, ou seja, a miséria humana dos nossos irmãos sofredores. EG |  |
| 88. A doutrina Social da Igreja tem por fundamento a Dignidade da Pessoa Humana (Jo 13,34); O princípio de que todos somos interdependentes e devemos cuidar uns dos outros (Mt 23,8); Buscar a equidade nas relações sociais e econômicas, promovendo os direitos de todos (Rm 13,7); O chamado de Jesus para amar os outros como a si mesmo (Mt 22,37-39), promovendo ações de caridade e compaixão e a responsabilidade de cuidar do meio ambiente como parte da criação de Deus (Gn 2,15). Crer no amor (cf. 1Jo 4, 16), amar os outros porque Deus nos amou primeiro (cf. 1Jo 4, 19) e não ceder nunca à tentação de pensar que nos basta nutrir um amor de desejo ou de expectativa por Deus. |  |
| 89. No processo de evangelização, o mandato da CARIDADE alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos...” (DAP 380), através da Palavra de Deus, do ensinamento da Igreja, da Doutrina Social da Igreja, ilumina os critérios éticos e morais, em nosso cotidiano. Sem caridade, a oração não pode ser considerada cristã. “Quando se contempla Deus, percebe-se a beleza do pequeno e do simples, e se educa o olhar para ver as necessidades do outro” (CNBB, Diretrizes, n. 102). |  |
| **Economia Solidária proposta por Francisco** | |
| 90. Enquanto cristãos, estamos inseridos dentro da sociedade e, como tal, em meio aos sistemas socias, não se pode, às custas de ideologias, por vezes falaciosas, abdicar da sacralidade evangélica que é, em última instância, o eixo pelo qual devemos seguir e pautar nossa vida. Não obstante, dentro do sistema social se pressupõe a dinâmica econômica e é preciso refleti-la à luz da fé, compreendendo-a enquanto meio de subsistência da vida, e não a vida enquanto meio de subsistência da economia (Papa Fraancisco Primeiro encontro mundial de Movimentos Populares). |  |
| 91. Já nos lembram os Atos dos Apóstolos: “Todos aqueles que abraçaram a fé, viveram juntos e colocaram tudo em comum; venderam seus bens e posses e dividiram o dinheiro entre todos, de acordo com a necessidade de cada um. Todos os dias eles se reuniam no templo, partiam o pão em suas casas e comiam juntos com alegria e simplicidade de coração. Eles louvaram a Deus e foram estimados por todo o povo”. (Atos 2, 44-47). |  |
| 92. Atualmente, em meio ao individualismo e egoísmo incrustrados em nossa sociedade, corre- se o risco de ofuscar a beleza da vivência comunitária que é, essencialmente, doação de si. Além disso, segundo o Papa Francisco, deve-se abandonar, de todas as formas, a triste cultura do descarte em detrimento de uma economia que mata: “Assim como o mandamento ‘não matarás’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, hoje devemos dizer ‘não a uma economia de exclusão e desigualdade social’. Essa economia mata. [...] Considera-se o ser humano em si mesmo como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Criamos uma cultura do ‘descarte’, que, aliás, é promovida.” (EG, 56). |  |
| 93. Além disso, afirma: “Enquanto os lucros de uma minoria crescem exponencialmente, os da maioria vão-se deteriorando. Este desequilíbrio provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela salvaguarda do bem comum.” (EG, 56). A vida, portanto, não pode estar a serviço da economia. Nesse sentido, já afirmara o Senhor: *“O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado”.* (Marcos 2,27) Ou seja, nem a lei, sequer aquilo que se estabelece enquanto regra social ou econômica pode subtrair o valor da vida. |  |
| 94. Quanto à Economia de Francisco e Clara, assinala à necessidade de retomar a dinâmica evangélica dos pobres. Segundo o Papa: “Encontrando-me na cidade de Francisco, não posso deixar de me debruçar sobre a pobreza. Fazer economia inspirando-se nele significa se comprometer a colocar os pobres no centro. A partir deles, olhar para a economia, a partir deles, olhar para o mundo. Eu diria mais: uma economia de Francisco não pode se limitar a trabalhar pelo ou com os pobres. Enquanto o nosso sistema produzir descartes e operarmos de acordo com esse sistema, seremos cúmplices de uma economia que mata”. (PAPA FRANCISCO: Mensagem sobre a Economia de Francisco e Clara, 2022). |  |
| 95. Portanto, é preciso, em contiguidade à reflexão econômica, preocupar-se com a vida do planeta. Segundo o Papa Francisco, “A crise ambiental exige uma reflexão profunda sobre o modelo de desenvolvimento e o estilo de vida atual. Não podemos mais aceitar uma economia que exclui e destrói a criação. A economia não pode ser apenas o mercado financeiro, mas também deve estar a serviço das pessoas e do planeta”. (Laudato Si’, 41). |  |
| 96. A Casa Comum foi pensada por Deus, por isso é graça e dom. “Então Deus viu tudo o quanto havia feito, e era muito bom”. (cf. Gênesis 1,31). Em meio às inúmeras devastações na natureza cabe-nos rememorar a dádiva da criação e responsabilizarmo-nos enquanto agraciados por Deus, e não dominadores desmedidos de sua obra. “Hoje, crentes e não crentes estão de acordo que a terra é essencialmente uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isso se torna uma questão de fidelidade ao Criador, já que Deus criou o mundo para todos” (Laudato Si, 93). |  |
| 97. Nessa perspectiva, a vivência do dízimo encontra-se enquanto experiência de partilha e doação de si, contra a cultura do descarte e do egoísmo. “A partilha do dízimo expressa nossa fidelidade ao modelo de Igreja Povo de Deus. Ele nos aproxima e nos ajuda no seguimento de Jesus Cristo. O dízimo é um gesto de participação na vida da comunidade eclesial. Deveria, também, um gesto de solidariedade com os pobres e excluídos da sociedade. É na partilha do que somos, temos, sabemos e podemos que concretizamos o gesto do dízimo, conforme testemunharam as primeiras comunidades cristãs (At 4,42-46). Através do dízimo compartilhamos do nosso tempo, capacidades, serviços, ministérios, conhecimentos, inteligência, dinheiro, bens, saberes, enfim, da própria vida”. (DAEDL, nº 70). |  |
| 98. Neste sentido, “O dízimo é uma contribuição sistemática e periódica dos fiéis, por meio da qual cada comunidade assume corresponsavelmente sua sustentação e a da Igreja. Ele pressupõe pessoas evangelizadas e comprometidas com a evangelização”. (n.6, Doc 106 CNBB) |  |
| 99. Não obstante à vivência da partilha enquanto expressão da vida cristã, apresentam-se, por vezes, preocupantes expressões pseudo- eclesiais, pelas quais, através de atrativos religiosos, se buscam atrair as pessoas a fim de subjuga-las às vivências intimistas, bem como, propiciando angariar recursos financeiros com maior facilidade. De fato, é preciso superar o sacro- negócio que rouba a vivacidade e a essencialidade da vida cristã, porque corrompe o estabelecimento de relações fraternas, duradouras e estáveis. |  |
| **8. NOVAS POSSIBILIDADES...** | |
| 100. A partir desses pressupostos, a Igreja da Diocese de Lages faz opção por um jeito de ser Igreja que privilegia a dimensão sociotransformadora como essencial no testemunho do seguimento de Jesus. Assim, “evangelizar” significa tornar o Reino de Deus presente no mundo (cf. EG, 176) assumindo o compromisso de continuar apoiando todas as iniciativas e lutas pela justiça, pela paz, salvaguardando a criação, o cuidado dos pobres da terra e da terra, enquanto casa comum. NaFratelli Tutti (107), a dignidade da vida é apresentada como um princípio universal. |  |
| 101. Por fim o texto de Isaías no capítulo 54 *“(...) nos incentiva, como agentes de pastoral, a crer que o novo êxodo está ao nosso alcance. Deus derrama a força do seu Espírito para juntos percebermos que a ação de Deus acontece na história da humanidade. Este novo êxodo nascerá, assim, das experiências do povo de Deus, da organização, da fé e persistência em assumir a aliança que Deus nos oferece. O texto quer, assim, nos libertar da ideia de que o novo êxodo será projeto de um indivíduo (...). Mas o novo nascerá da ação conjunta, da redescoberta da ação de Deus na história. Este fato suscitará a força renovadora da fé para a edificação do Reino de Deus, A comunhão do povo de Deus cria a fé nos corações e fortifica a comunidade para a marcha da realização plena do Reino de Deus”* (Werner Kiefer). |  |
| 102. Depois de termos lançado um olhar para a realidade pastoral e social de nossa Igreja e Sociedade da Diocese de Lages, e depois de iluminarmos a mesma realidade com a Palavra de Deus, o magistério da Igreja e do Papa Francisco, é preciso **avançar em novos caminhos e novas possibilidades**. Para iluminar nosso caminhar pastoral para os próximos anos, como *Peregrinos e Peregrinas de Esperança*, propomos três grandes “estacas” para estruturar nosso caminho, rumo ao Centenário de nossa Diocese (2027- 2029), que são as grandes três “estacas” da vida cristã: a FÉ, a ESPERANÇA e o AMOR/CARIDADE. |  |
| 103. A primeira das três “estacas” é o ***amor/caridade***. O Apóstolo Paulo afirmou: “Atualmente, permanecem essas três coisas: fé, esperança e caridade. Mas a maior delas é a caridade” (1Cor 13,13). Ou seja, a fé e a esperança são importantes, mas ambas nascem da caridade/amor, e de um amor realmente *concreto*: *“O amor precisa de concretude. O amor que não é concreto não é forte, precisa de presença, de encontro, precisa de tempo e de espaço dados: não pode limitar-se a belas palavras, a imagens em uma tela, a selfies de um momento ou a mensagens precipitadas”* (Angelus, 11/02/2024). Assim, a pessoa que ama, revestida de verdadeira compaixão, sobretudo com os mais necessitados, se torna **solidária**: “Um coração capaz de compaixão pode crescer em fraternidade e solidariedade” (*Dilexit nos*, 190). |  |
| 104. A segunda “estaca” é a ***fé***. A experiência do povo de Israel no deserto foi a de *viver pela fé*, diante da promessa de libertação que Deus tinha feito a Moisés; Deus nunca abandonou seu Povo, mesmo nas maiores dificuldades. **Diante da complexidade da realidade que nos cerca, somente um olhar de fé poderá identificar a presença de Deus.** Muitas vezes, nossas Comunidades têm se tornado um verdadeiro “mercado espiritual”, onde as pessoas buscam suprir suas necessidades e carências pessoais, quase que como “consumidores religiosos”, para os quais a fé é oferecida e exposta. É nesse contexto que muitos buscam os sacramentos e sacramentais. Em outras palavras, somos um povo muito católico, porém pouco cristão (Estudos CNBB 104, 317-318). Nosso catolicismo ainda é “cultural”, fruto de conveniências sociais e de tradições. Portanto, uma real e autêntica experiência de fé é *urgente* em nossa realidade eclesial diocesana: “O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, mas professá-la, dar firme testemunho dela e propagá- la” (CIC 1816). |  |
| 105. A terceira dessas “estacas” é a ***esperança***. A experiência de errância, de ser estrangeiro em outras terras gravou no coração do povo de Deus a memória do exilio, mas fortaleceu o ideal da hospitalidade, pois o próprio Deus recebera hospitalidade na tenda de Abraão junto aos carvalhos de Mambré (cf. Gn 18,1-15). No contexto do Jubileu 2025, somos convidados e convidadas a contemplar a força da ESPERANÇA cristã. |  |
| 106. Portanto, nos próximos anos, nosso AGIR será firmado nessas três estacas/ perspectivas: AMOR/CARIDADE, FÉ e ESPERANÇA, perpassando todas as Paróquias, Comunidades, Serviços, Pastorais, Movimentos e Ministérios de nossa Igreja Diocesana. |  |